

O turismo desenvolvido em territórios indígenas sob o ponto de vista antropológico

Rosana Eduardo da Silva Leal * (rosanaeduardo@yahoo.com.br)

Resumo

O presente artigo tem como principal propósito discutir a inserção do Turismo em territórios indígenas desvinculando-se das concepções que a percebem como atividade de ameaça social, cultural e econômica em tais comunidades. O Turismo hoje tem estado cada vez mais presente nas comunidades indígenas não só como fonte de renda complementar, mas também como mecanismo de revitalização cultural e integração ao cenário global. Além disso, serão discutidas a inserção do universo turístico como objeto de estudo antropológico e o desenvolvimento do Turismo Étnico em comunidades indígenas.

Palavras-chave: Turismo; Antropologia; Territórios Indígenas;

Abstract

The present assay has as main intention to argue the insertion of the Tourism in aboriginal territories unfastening itself of the conceptions that perceive it as activity of social threat, cultural and economic in such communities. The Tourism today has been each more present time in the aboriginal communities not only as source of complementary income, but also as mechanism of cultural revitalization and integration to the global scene. Moreover, will be argued the insertion of the tourist universe as object of anthropological study and the development of the Ethnic Tourism in aboriginal communities.

Key-words: Tourism; Anthropology; Aboriginal Territories;



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



O Turismo como objeto de estudo antropológico

O Turismo desenvolveu-se sobretudo na sociedade pós-industrial como possibilidade de fuga do cotidiano e atividade prazerosa desenvolvida no tempo livre. Mas foi apenas na contemporaneidade que sua força eclodiu preponderantemente, tornando-se parte das prioridades dos governos mundiais, como veículo de geração de divisas e empregabilidade.

Como atividade em intenso processo de desenvolvimento conceitual-reflexivo, a definição do Turismo constitui um tema ainda controverso, principalmente pela diversidade de propostas que buscam esclarecer esse complexo fenômeno. Trata-se de uma atividade socioeconômica de caráter multidisciplinar, que favorece a ausência de definições conceituais claras para delimitar a atividade e distinguir seus setores (OMT, 2001). Trata-se do

[...] deslocamento de pessoas que, por diversas motivações, deixam temporariamente seu lugar de residência, visitando outros lugares, utilizando uma série de equipamentos e serviços especialmente implementados para esse tipo de visitação. A atividade dos turistas acontece durante o deslocamento e a permanência fora da sua residência. Os negócios turísticos são os realizados nos equipamentos ou durante a presta o de serviços que os turistas utilizam na presta o e na execu o da sua atividade (BARRETTO, 2003, p. 20).

O Turismo está intimamente ligado ao próprio sentido etimológico do termo "tour", que significa viagem em circuito; deslocamento de ida e volta. Em francês, significa apenas "movimento circular". Os ingleses formaram, no século XVIII, as terminologias "tourism" e "tourist", dando sentido atual ao conceito. Normalmente são encontradas três correntes conceituais para buscar compreender o setor, agregando

concep es econ micas, técnicas e holísticas.

Na perspectiva econ mica,   compreendido como indústria de viagens e lazer, que favorece os negócios e o comércio dos mais variados produtos e serviços.   representado também pelo conjunto de transa es (compra e venda de bens e serviços turísticos) efetuadas entre os agentes do setor.

As abordagens técnicas são utilizadas principalmente para fins estatísticos. Surgiu a partir do momento que as empresas e organiza es governamentais passaram a pesquisar o mercado turístico, necessitando de defini es que favorecessem a mensura o do fluxo de visitantes e permitissem distinguir as viagens turísticas das demais, bem como os turistas em rela o aos outros viajantes¹, por meio de um embasamento conceitual unificado.

As defini es holísticas "[...] procuram abranger a essência total do assunto" (OMT, 2001, p. 36), reconhecendo o Turismo como um campo de estudo multi e interdisciplinar que incorpora teorias e conceitos de áreas afins, como da Comunica o, Antropologia, Psicologia, Geografia, Sociologia, Ciência Política, entre outras. O presente ensaio segue as concep es holísticas do Turismo, concordando com a visão de Jafar Jafari, quando diz que

  o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econ mico e sociocultural da área receptora (apud IGNARRA, 2003, p. 12).

Ele acredita que a amplitude do Turismo ultrapassa a economia e desencadeia uma série de práticas, influências e conseq ncias nos mais variados aspectos, tanto nos centros emissores quanto receptores, tornando-se

*Doutoranda em Antropologia (UFPE), Mestre em Comunica o (UFPE), Bacharel (UFPE) e Técnica (CEFET-PE) em Turismo, Docente em Turismo e Hotelaria da UNIVERSO/Recife.
E-mail: rosanaeduardo@yahoo.com.br

1. Exemplo de outros viajantes: tripulantes, migrantes e trabalhadores temporários.

assim mais um campo de estudo para a compreensão da realidade da sociedade contemporânea.

Como campo de pesquisa, o Turismo é relativamente recente, sendo disseminado a partir da década de 40. Os estudos antropológicos foram iniciados na década de 60 e intensificaram-se na década seguinte, tendo como foco principal as pequenas comunidades e as interações sociais entre os turistas e as populações residentes. Atualmente os estudos da Antropologia do Turismo estão preocupados com os impactos sociais, culturais e econômicos da atividade turística em determinadas localidades, agregando temas como relações étnicas, de classe, gênero, de poder, alteridade e constituição da diferença.

Conforme Burns (2002, p.93), a Antropologia oferece várias contribuições para a análise do Turismo. A primeira se dá pela sua *base teórica comparativa*, que permite o estudo de uma variedade de fenômenos em diferentes locais. Depois vem o *enfoque holístico*, que leva em consideração fatores sociais, culturais, simbólicos, políticos e econômicos. E posteriormente tem-se as questões de cunho *metodológico e conceitual*.

O metodológico diz respeito principalmente ao desenvolvimento do trabalho de campo e a observação participante, que tem contribuído para um nível mais profundo de análise. Já o segundo, diz respeito a base teórica que tem possibilitado entender o Turismo não apenas pelo viés parcial e funcional, mas como um *fato social total*, segundo Barreto (2003).

Os enfoques da Antropologia são muitos, levando em conta aspectos como: a relação entre visitantes, profissionais e visitados; a cultura como um bem turístico; o Turismo em comunidades tradicionais e grupos étnicos; os estabelecimentos de acolhimento; as motivações, comportamentos e consumo nos deslocamentos turísticos. Além dos

[...] estudos em Turismo religioso, Turismo e mudança social, Turismo e mercantilização cultural, Turismo e globalização, veraneio, Turismo e lazer, ecoTurismo, mediadores culturais na empresa turística, impactos sociais do Turismo, Turismo e produção de artesanato, Turismo e etnicidade, entre outras rubricas (GRÜNEWALD, 2003, p. 143).

Autores clássicos como Mauss, Marx, Malinowski, Durkheim, Van Gennep e Simmel deram, a partir de seus conceitos, a sinergia para dar impulso à Antropologia do Turismo. Como principais referências atuais podemos citar Graburn, Nash, Selwyn, Jafar Jafari, Urry, MacCannell, Boissevain, Cohen e Dann. E no Brasil, Margarita Barreto e Rodrigo Grünewald.

A Antropologia do Turismo, conforme Grünewald (2003, p.15) é "um rótulo que indica estudos em antropologia dirigidos pela análise de processos sociais (ou culturais) gerados no âmbito da atividade turística em todas as suas manifestações, institucionalizadas ou não".

Indigenização da modernidade

Para tratar do atual desenvolvimento do Turismo em territórios indígenas é necessário, antes de tudo, desvincular-se de percepções românticas que primam pelo distanciamento do primeiro diante do segundo. A verdade é que cada vez mais os povos indígenas têm pensado na atividade turística como mais uma alternativa sustentável de desenvolvimento local empreendida a partir de critérios estabelecidos pelos próprios grupos étnicos. É nesta perspectiva que segue o presente artigo, que tem como objetivo discutir teoricamente este contexto utilizando-se dos paradigmas da Antropologia como instrumentos que possam dar conta dessa realidade. Para isso, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e a visitação a algumas páginas virtuais de

grupos indígenas que têm como característica o protagonismo no desenvolvimento turístico do seu território.

Como identifica Sahlins (1997) e Ortner (1984), os anos 50, 60 e 70 foram permeados por paradigmas representados pelo funcionalismo, pela antropologia simbólica, pela economia política de Marx e pelo estruturalismo francês. Mesmo divergindo em vários aspectos, tais empreendimentos convergiam em certo ponto, pois tinham uma coisa em comum: a concepção do comportamento humano. Foram chamadas de "Teorias de Constrangimento" por buscarmos moldar, ordenar e definir as ações dos indivíduos, considerando que estes seriam moldados por forças externas a sua natureza, como a cultura, as estruturas mentais ou o capitalismo, sem considerar qualquer ação humana.

No contexto dos povos indígenas, alguns desses paradigmas acreditavam que o imperialismo Ocidental levaria a devastação dos valores, instituições e consciência cultural dessas comunidades. Mas o que tais modelos teóricos não deram conta foi exatamente às diversas formas de resistência indígena que vinham sendo empreendidas nos mais distintos contextos culturais. Por isso é que muitos estudos passaram a utilizar teorias que privilegiassem a ação humana diante da dominação social vigente, investigando não só as estruturas dominantes e sim a criatividade dos dominados.

A Teoria da Prática, por exemplo, possibilitou restabelecer o ator ao processo social, sem obter uma visão perdedora da estrutura dominante. Abarcou três áreas principais: a *troca de poder* (reunindo trabalhos sobre temas como colonialismo, gênero, raça, e etnicidade); a *volta histórica* e a *reinterpretação de cultura* (ORTNER, 1984).

Conforme Grünewald (2003), a Teoria Pós-Colonial também apareceu como uma

das possibilidades de estudar os povos indígenas. Sua contribuição foi compreender a existência de várias dinâmicas antagônicas e ambivalentes no interior da racionalidade moderna, criticando os discursos que concebiam homogeneamente o *desenvolvimento irregular* e as *histórias diferenciadas* de nações, etnias, comunidades e povos. Os estudos pós-colonialistas buscam construir formas de pensamentos que possam dar conta de realidades culturais fora do eixo ocidental capitalista e no contexto de países terceiro-mundistas (as chamadas periferias mundiais). É uma reação aos riscos de desenvolver estudos etnocêntricos sobre as minorias no contexto mundial de hoje.

Para desenvolver estudos sobre comunidades indígenas hoje é necessário levar em consideração que a dominação Ocidental não tem conseguido atingir completamente as culturas tradicionais, uma vez que estas são capazes de sorrateiramente subvertê-las, mediante uma contra-cultura. Ao invés de seguir esta perspectiva, outro modo de desenvolver constatações antropológicas é reconhecer o desenvolvimento de uma integração global que ocorre simultânea e dialeticamente a uma diferenciação local. A integração e a diferenciação são co-participantes, não estando nem separadas nem em sentido inverso.

Sobre o envolvimento dos povos indígenas com o Turismo também é necessário relativizar, uma vez que é preciso inicialmente desenvolver uma reflexão sobre como tais povos têm extraído condições de garantir sua existência no cenário desigual, utilizando-se também da atividade turística como possibilidade de intensificação e revitalização cultural. Os estudos antropológicos hoje consideram as aldeias não só como receptoras passivas do fluxo de visitantes, mas também como

empreendedoras turísticas co-participantes da estrutura oficial da atividade.

Sahlins (1997) observa que, diferentemente do que se pensou, ou seja, que os povos indígenas seriam subjulgados pela hegemonia da globalização, muitos grupos tem se posicionado conscientemente diante dessa realidade, acionando a cultura não só como marcador de identidade, mas também como mecanismo de retomada do controle da própria autonomia. Já que nessa realidade atual coexistem realidades sincréticas, translocais e multiculturais que viabilizam tais culturas a partir de uma *indigenização da modernidade*, ou seja, da compreensão do cenário moderno sob o ponto de vista local, concebendo outras modernidades.

As culturas supostamente em desaparecimento estão, ao contrário, muito presentes, ativas, vibrantes, inventivas, proliferando em todas as direções, reinventando seu passado, subvertendo seu próprio exotismo, transformando a antropologia tão repudiada pela crítica pós-moderna em algo favorável a elas, 'reantropologizando', se me permitem o termo, regiões inteiras da Terra que se pensava fadadas à homogeneidade monótona de um mercado global e de um capitalismo desterritorializado (LATOURE apud SAHLINS, 1997, p. 52).

Nesse contexto, a tradição não aparece emparedada, fixa e imutável, podendo ser constantemente revisada, inventada, reinscrita e transformada pelos grupos de acordo com suas experiências e prioridades. "A tradição consiste aqui nos modos distintos como se dá a transformação: a transformação é necessariamente adaptada ao esquema cultural existente" (SAHLINS, 1997, p.62).

Trata-se de uma negociação complexa, em andamento, que permite inserir outras temporalidades culturais, afastando qualquer acesso imediato a uma identidade original. A

tradição funciona menos como doutrina do que como *repertório de significados*, como define Hall (2006, p.70). A cultura, nesse sentido, deve ser concebida como um sistema de formas significativas de ação social, levando em consideração a capacidade da agência dos povos indígenas diante do sistema mundial capitalista (TURNER apud SAHLINS, 1997).

Além disso, a cultura deixa de ser percebida como "imóvel", pois na contemporaneidade ela viaja e transgride limites geográficos. Assim, o olhar antropológico passa a considerar não só as culturas fixas territorialmente mas também os fluxos culturais globais e seus agentes periféricos. É o que Sahlins (1997) chama de *Cultura Translocal* e Hall (2006) chama de *Cultura Diaspórica*, consideradas como sociedades com culturas transculturais dispersas, mas centradas na terra natal e unidas por uma contínua circulação de pessoas, idéias, objetos e dinheiro.

Nessa realidade de mobilidade cultural, a relação espaço-tempo é reconfigurada e impulsionada pelas tecnologias, afrouxando a relação entre a cultura e o lugar. O caminho da diáspora não é concebido pelo apego a modelos fechados e homogêneos, pois abarca a relação entre semelhança e diferença. Já que em todo o mundo os fluxos migratórios, forçados e livres, estão pluralizando e construindo identidades culturais híbridas e múltiplas, desestabilizando os antigos Estados-nação.

É o que João Pacheco de Oliveira (1988) define, no contexto indígena, de processo de etnogênese, que abrange tanto a *emergência de novas identidades*, a *construção cultural* como também a *reinvenção de etnias já existentes*, como tem ocorrido com no Nordeste brasileiro.

O Turismo em territórios indígenas

As primeiras impressões sobre o desenvolvimento do Turismo em territórios indígenas estava diretamente ligada ao processo de aculturação desencadeada pela atividade, acreditando-se que tal influência levaria os nativos a abandonarem seu modo de vida para se inserirem nesta atividade. Trata-se de um tema ainda bastante criticado, principalmente por problemas sociais e culturais que suscita e por estimular muitas vezes o desenvolvimento de realidades inadequadas, como por exemplo a submissão econômica, a degradação ambiental, a artificialização das manifestações culturais tradicionais, entre outros aspectos.

Já na década de 70 observou-se o início de novas compreensões sobre o tema, que visualizou o Turismo como um veículo de reforço a etnicidade e revitalização cultural. Os povos tradicionais passam a ser vistos não só como esse Outro a ser visitado e explorado, mas também como indivíduos atuantes no processo de planejamento sustentável do Turismo.

Trata-se do que Hall chama de *minorização*, pois ao mesmo tempo em que há um perigo de homogeneização global dessas minorias, tem-se também o seu engajamento no movimento transnacional sem necessariamente ser subjugado ao processo homogeneizante. Nesse sentido, há a compreensão da possibilidade de uma manipulação das minorias ao lidar com o contexto transnacional mediante novas construções e adequações locais.

Com as mudanças ocorridas na política indigenista nacional, iniciada na década de 70 com o reconhecimento dos grupos e a legalização dos seus direitos constitucionais, houve um favorecimento a retomada de práticas tradicionais. Estas, passaram a ser resultado não só de heranças ancestrais, mas também de um intenso intercâmbio cultural

com a invenção e propagação de uma série de manifestações culturais que, além de serem constituídas de elementos nativos, também absorviam fragmentos do contexto regional, nacional e transnacional.

O artesanato tem sido um dos principais elementos de reconhecimento oficial dos povos indígenas, sendo substancialmente utilizados no contexto turístico. Como lembra Wallace Barbosa (1999, p.01) "este movimento resultou em um intenso intercâmbio cultural, com a invenção e propagação, entre os grupos locais, de determinadas práticas culturais e na criação de uma série de objetos e adornos, feitos com materiais e técnicas nativas [...]".

O Turismo Étnico é alimentado pelo interesse de ter acesso à cultura e ao povo indígena, buscando conhecer seus costumes, tradições e crenças no próprio ambiente de vivência dos mesmos. A autenticidade é a mola propulsora da visitação turística, sendo essa um mecanismo de manipulação dessas populações, a partir da utilização de símbolos que conferem ao grupo distinção, tradição e prestígio diante dos fluxos turísticos. Por isso, os sinais diacríticos são fundamentais na arena turística, principalmente porque são a partir destes elementos que as etnias demarcam seus elementos identitários.

Para entender a criatividade indígena em planejar a atividade turística em seu território, não se pode estabelecer critérios formais de racionalidade e sim levar em consideração a articulação humana dando sentido a essa racionalidade. É o que sinaliza Bhabha (1998) quando esclarece que é a *prática enunciativa* do sujeito que importa², sendo a cultura o lugar onde ocorre um processo dialógico que é resultado de antagonismos e articulações culturais, que subverte a razão hegemônica e recoloca lugares alternativos de negociação cultural. Em seu livro *O Local da Cultura*, Bhabha

2. O autor defende que o contexto liminar aparece como terreno da construção e elaboração de estratégias de subjetividades singulares e coletivas que dão início a novos signos de identidade. É a emergência dos interstícios, do periférico, do minoritário que também tem acontecido na realidade de grupos indígenas.

(1998) introduz uma série de conceitos para compreender a cultura na contemporaneidade, como *entre-lugar*, *liminaridade*, *hibridismo*, *fluidez*, *agência periférica*, *negociação identitária*.

Nas terras indígenas brasileiras a atividade turística tem sido incorporada paulatinamente, despertando o interesse de algumas comunidades.

No final do ano 2000, o então Departamento de Patrimônio Indígena e Meio Ambiente da Funai enviou um questionário com o objetivo de levantar dados sobre as iniciativas de ecoTurismo em TIs. Do total de 47 questionários enviados, 19 foram respondidos e destes, 13 informaram a existência de 6 visitações nas comunidades, ou seja, cerca de 27,65% do total, o que indica a urgente necessidade em se avançar nas discussões sobre a regulamentação da atividade turística em terras indígenas (CHAVES, 2006, p. 01) .

O que se deve fazer é não subestimar a capacidade dos povos indígenas em planejar, empreender e conduzir o desenvolvimento turístico em seu território. Um bom exemplo disso diz respeito a Cooperativa Mista de Produtores e Extrativistas (Campealta) situada em uma ilha do rio Xingu, a 100 km do município de Altamira - PA, formada por 1400 índios (de nove comunidades), que inaugurou em 2000 o hotel ecológico Tataquara³.

O investimento foi de R\$ 70 mil, financiado com recursos de ONGs e fundações internacionais em parceria com a FUNAI, com o objetivo de gerar renda sem grandes impactos ambientais. Os guias são das próprias etnias participantes e as instalações são ecologicamente adequadas (rústicas, construídas com palha e cimento), utilizando-se de energia solar e sistema de tratamento de afluentes. Tem capacidade de comportar 30 pessoas e os recursos vem sendo utilizados para pôr em prática projetos sociais locais.

No Brasil, uma outra experiência bastante relevante é a que tem ocorrido na Reserva Indígena da Jaqueira, no município de Coroa Vermelha na Bahia, descrita por Grünewald (2003). A Reserva faz parte do território dos índios Pataxó, que criaram a Associação Pataxó de EcoTurismo, permitindo que a reserva fosse visitada por turistas, estudantes e pesquisadores desde 1999. Os Pataxó fizeram acordo com empresas de Turismo para transportarem os visitantes até o local, desenvolvendo atividades como: trilhas ecológicas com guia local, palestra sobre lendas, hábitos e costumes, contato com o Pajé para conhecer um pouco da medicina indígena, degustação da culinária tradicional e visualização da confecção do artesanato. A visita é concluída após uma apresentação de músicas e danças cantadas na língua Pataxó, com tempo de duração de três horas.



Fig 1. Símbolo da Associação Pataxó de EcoTurismo
 Fonte: www.portosegurotur.com.br

Mesmo com bons exemplos de experiências turísticas bem sucedidas, alguns autores consideram como efeitos nocivos do Turismo em território indígena a criação de "aldeias turísticas" e o aparecimento do "índio turístico". Um deles é MacCannell (apud GRÜNEWALD, 2003, p. 147) que chama a atenção para o perigo do desenvolvimento da artificialização dos contatos entre índios e visitantes, a partir de uma *etnicidade-para-Turismo* concebida como a produção de novas formas étnicas difundidas para o Turismo de massa:

O foco está num tipo de etnicidade-para-Turismo no qual culturas exóticas figuram como atrações chave: onde os turistas vão ver costumes folk no uso diário, loja para artefatos folk em bazares autênticos, ficar alerta para forma de nariz, lábios, seios e assim por diante, aprender algumas normas locais para o comportamento, e talvez aprender algo da linguagem. Os esforços aqui não são como os resultados freqüentemente bizarros dos esforços dos turistas para "fazer-se-nativo". Antes, são com os esforços dos nativos para satisfazerem a demanda turística, ou para 'fazer-se-nativo-para-turistas' (MACCANNELL apud GRÜNEWALD, 2003, p. 147).

Para MacCannell, no Turismo Étnico o nativo não está no local apenas para servir o turista, pois ele próprio já faz parte da atratividade turística do ambiente visitado, estando em exposição permanente. O que pode favorecer o aparecimento do *tourée* - termo utilizado para designar o nativo que altera seu comportamento conforme a necessidade do visitante para tornar-se atrativo na arena turística. Têm-se aí mudanças nos hábitos, na postura e nas mais diversas práticas cotidianas desenvolvidas na aldeia (GRÜNEWALD, 2003).

Considerações finais

O que se conclui após as discussões feitas anteriormente é que a etnicidade que vem sendo reconstruída pelos povos indígenas passa a ser o lugar em que se emergem identidades capazes de possibilitar a participação e a convivência com o Turismo, sendo o resultado das relações dos povos indígenas no contexto das transações comerciais globais. E por isso, não podem ser vistas como inautênticas, já que resultam de ações criativas dos próprios grupos. O que há são elaborações e produções de novos signos destinados ao contato turístico, com zonas de visibilidade cultural acionadas de acordo com as necessidades das etnias, que são

mecanismos que ocultam ou exibem aspectos da sua tradição para superar as contradições viabilizadas pela convivência.

Por isso, concluímos que, o ser índio na contemporaneidade é constituído por elementos culturais de dentro e de fora dos limites do seu grupo étnico. Sendo o lugar da construção e elaboração de estratégias de subjetividades singulares e coletivas que dão início não só a novos signos de identidade, mas também a posições inovadoras de colaboração e contestação no ato de definir a própria idéia de sociedade.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Wallace de Deus. O artesanato e os 'novos índios' do Nordeste. Revista IPHAN, 1999.
- BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do Turismo. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n.20, p.15-290, outubro de 2003.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BURNS, Peter M. Turismo e antropologia: uma introdução. São Paulo: Chronos, 2002.
- CERTEAU, Michel de. "Introdução geral". In: A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHAVES, Rodrigo Rodrigues Chaves. O Turismo Étnico em Comunidades Indígenas no Brasil. Anais da Associação Brasileira de Antropologia, Góias, 2006.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. Os índios do descobrimento: Turismo e tradição. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.
- _____. Turismo e Etnicidade. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n.20, p.141-159, outubro de 2003.
- HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

IGNARRA, Luiz Renato. Fundamentos do Turismo. 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

OLIVEIRA, João Pacheco de Oliveira. O "nosso governo": os Ticuna e o regime tutelar. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1988.

OMT - Organização Mundial do Turismo. Introdução ao Turismo. São Paulo: Ed. Roca, 2001.

ORTNER, Sherry. "Theory in Anthropology since the sixties". In: Comparative studies in Society and History, vol.26,n.1, 1984, 129-165.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de

extensão" (Parte I). Mana. Rio de Janeiro, v.03, n.01, 1997.

_____ O "pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extensão" (Parte II). Mana. Rio de Janeiro, v.03, n.02, 1997.

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	19-abr-2007
Envio ao parecerista:	05-nov-2007
Recebimento do parecer:	12-nov-2007
Envio para revisão do autor:	13-nov-2007
Recebimento do artigo revisado:	01-dez-2007
Aceite:	01-dez-2007